



ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

MOEDA  
DOS  
DESCOBRIMENTOS  
PRESTÍGIO  
DE PORTUGAL  
NO MUNDO

LISBOA © 1983



ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

MOEDA  
DOS  
DESCOBRIMENTOS  
PRESTÍGIO  
DE PORTUGAL  
NO MUNDO

LISBOA    Ⓢ    1983



Comunicação  
apresentada ao Congresso Internacional  
**«Os Descobrimentos Portugueses  
e a Europa do Renascimento»**,  
em 24 de Junho de 1983.



ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

Engenheiro Químico (IST).

Director da Revista Portuguesa de Numismática  
e Medalhística.

Coordenador dos sectores de Numismática e  
Medalhística da XVII Exposição Europeia de Arte,  
Ciência e Cultura.

Do Conselho Numismático da Imprensa Nacional-  
Casa da Moeda, E. P.

Autor do projecto da amoedação comemorativa da  
XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura.

Senhor Presidente  
Colegas Congressistas

Na próxima segunda-feira, 27 de Junho, serão postas em circulação as moedas comemorativas da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, cujas gravuras dos reversos homenageiam três famosas moedas dos Descobrimentos Portugueses <sup>(1)</sup>.

Além de uma tal emissão monetária ser acontecimento inédito na história das Exposições de Arte patrocinadas pelo Conselho da Europa, também o é na nossa própria história monetária, pelas reproduções de moedas portuguesas que nela figuram, pretendendo-se desta forma, conjuntamente com a vasta participação sectorial da Numismática nos diferentes núcleos exposicionais, chamar a atenção para o relevante papel desempenhado pela moeda dos Descobrimentos, na divulgação e consolidação da expansão portuguesa no mundo.

Dado o tema seleccionado para a XVII Exposição Europeia — e também para este Congresso — creio ser oportuno relembrar que ao Renascimento Italiano devemos o reconhecimento do valor cultural que o estudo das moedas antigas encerra,

«como mensageiras que vêm de longe e nos trazem  
notícia de muitas coisas que não sabemos»,  
(no dizer de Gaspar Estaço, em 1625)

- e «porquanto nas imagens das moedas e suas inscrições  
se conserva a memória dos tempos mais que em  
nenhum outro monumento.»  
(como escreveu Manuel Severim de Faria, em 1655)

Por tudo isto desejaria dedicar esta comunicação a todos os professores de História presentes neste Congresso — e que são em

---

(1) Na moeda de 500\$00, o «Meio Escudo de Ceuta» de D. Afonso V; na moeda de 750\$00, o «Índio» de D. Manuel I; e na moeda de 1000\$00, o «Português» de D. Manuel I.





### 1 — Meio Escudo (Ceuta) de D. Afonso V

---

*Casa da Moeda de Ceuta (C).*

*S/D (ca. 1450-1457).*

*Ouro; Ø 21 mm; Peso 2.18 gr.*

Anv. + RX : PORTVGALIE : ALGA : (*Rei de Portugal e do Algarve*). Escudo real coroado.  
Rev. CEPTE + DOMIQ (*Senhor de Ceuta*). Torres e muralhas banhadas pelo mar. Marca monetária C.

### 2 — Cruzado de D. Afonso V

---

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (1457-1481).*

*Ouro; Ø 23 mm; Peso 3.57 gr.*

Anv. + CRVZATIS : ALFONSUS : QUINT (*Cruzado de Afonso Quinto*). Escudo real coroado.  
Rev. + ADIVTORIUM : NOSTRVM : IN : NOMI. (*O nosso socorro está no nome do Senhor*).  
Cruz de S. Jorge.

### 3 — Justo de D. João II

---

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (1489-1495).*

*Ouro; Ø 31 mm; Peso 6.02 gr.*

Anv. + IOHANS : II : R : PORTVGALIE : ET : ALG : DNS : D : GVII. (*João II, Rei de Portugal e dos Algarves, Senhor da Guiné*). Escudo real coroado.  
Rev. IVSTVS : SICVT : PALMA : FLOREBIT. (*O justo florescerá como a palma*). O rei sentado de frente, coroado, com manto e de armadura, empunhando a espada ao alto.

### 4 — Cruzado de D. Manuel I

---

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (1495-1521).*

*Ouro; Ø 22 mm; Peso 3.51 gr.*

Anv. + EMANVEL : P : R : P : ET : A : D : GVINEE : (*Manuel Primeiro, Rei de Portugal e dos Algarves, Senhor da Guiné*). Escudo real coroado.  
Rev. + EMANVEL : P : R : ET : A : D : GVINE. Cruz de S. Jorge.

elevado número — fazendo votos de que não se esqueçam de inculcar nos seus alunos a curiosidade e o interesse pela observação dessas moedas — mensageiras da História e guardiãs da memória dos tempos.

Senhor Presidente:

O estudo e o ensino da Numismática têm estado tão esquecidos dos historiadores portugueses e tão ausentes dos nossos compêndios de História, que me atrevo a solicitar a compreensão de V. Ex.<sup>a</sup>, no caso de vir a ultrapassar o tempo regulamentar previsto.

### Moeda de Português

Dentre as espécies monetárias portuguesas cunhadas nos séculos XV e XVI — e cuja evolução pode ser observada nos diferentes núcleos da Exposição — sobressai uma grande moeda de ouro ostentando o nome e os títulos de D. Manuel I, numa extensa legenda duplamente circular, envolvendo as armas de Portugal.

No reverso, ao centro, figura uma grande cruz da Ordem de Cristo, orlada pela legenda «In Hoc Signo Vinces».

É um *Português de Ouro*, como é chamada actualmente, ou «uma moeda de português», como era originalmente designada.

Lavrada na valia de dez *cruzados*, foi, durante muitos anos, a maior moeda de ouro cunhada por qualquer estado ou reino europeu. Foi, simultaneamente, moeda, arma e padrão dos Descobrimentos.

Muito pouco se conhece das razões que terão levado à sua criação ou, mesmo, do ano em que se fabricaram os primeiros exemplares.

Segundo Damião de Goes, na «*Crónica de El-Rei D. Manuel*» (1566), foram mandados lavar em 1499, conjuntamente com uma moeda de prata de expressivo nome, o «Índio», data esta que



levantou a suposição de se destinarem a acompanhar Pedro Álvares Cabral na segunda armada à Índia, constituindo assim, provavelmente, uma porção substancial do conteúdo daqueles dois ou três cofres cheios de peças de ouro que, como nos conta João de Barros, foram mandados mostrar aos oficiais do Rei de Cananor, como reluzente demonstração de que não era por falta de dinheiro que não se tomava mais carga, pois o ouro que ainda ali havia dava para carregar «cinco ou seis naus, que o mar lhe comera, porque para todas levava cabedal». (1).

Contudo, Gaspar Correa, nas suas «*Lendas da Índia*» (1.<sup>a</sup> metade do século XVI), refere-se várias vezes aos *portugueses* de ouro oferecidos e cambiados por Vasco da Gama e por alguns dos seus companheiros, em Melinde e em Calicute, durante a sua primeira viagem à descoberta da Índia.

Assim, em Melinde e nos finais do ano de 1497, conta Gaspar Correa que

«El-Rei folgou de ver os *cruzados* e os tomou e deu avalia deles aos pilotos em moeda de terra. O que vendo Vasco da Gama mandou logo à nau por dez *portugueses* de ouro, que em um lenço apresentou a El-Rei, dizendo que aquela moeda se chamava *portugueses*, que cada um valia dez dos pequenos, que os guardasse, e com eles sempre lhe lembrasse o nome dos Portugueses». (2).

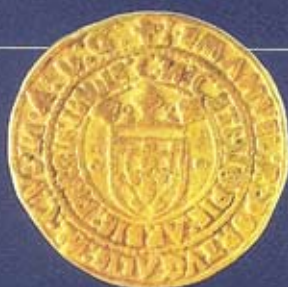
E, já em Calicute, Vasco da Gama teria feito desembarcar, entre outras amostras de mercadorias, «cinco *portugueses* de ouro e cinquenta *cruzados* e cem *tostões* em prata» que foram tocados, pesados e apreçados por um cambista da terra.

Dos registos documentais até hoje publicados, a primeira referência a estas moedas só aparece em 1506, num auto de exame à Casa da Moeda de Lisboa. Desde então são com frequência encontradas nos escritos e narrativas quinhentistas, que nos dão conta da enorme difusão que tiveram por todo o Oriente, desde as costas do

---

(1) «Ásia», Década I, Livro V, Cap. IX.

(2) «Lendas da Índia», Tomo I.





### 5 — Português de D. Manuel I

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (ca. 1499-1521).*

*Ouro: Ø 35 mm; Peso 35.1 gr.*

Anv. + · I · EMA IVEL : R : PORTVGALIE : AL : C : VL · IY · A : D : G : // C : Y : C :  
ETHIOPIE : ARABIE : PERZIE : IY DIE : (*Manuel I, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e  
além mar em África, Senhor da Guiné // da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia,  
Arábia, Pérdia e Índia*). Escudo real coroado.

Rev. : IY : : HOC : : SIGIO : : VICES : (*Com Este Sinal Vencerás*). Cruz de Cristo.

### 6 — Português de D. Manuel I

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (ca. 1521).*

*Ouro: Ø 35 mm; Peso 35.35 gr.*

Anv. Como no anterior. Legenda interior terminando em PERSIE : I.

Rev. Como no anterior. Legenda terminando VICEES. Letras I cortadas ao centro, desenho  
característico das amoedações do final do reinado.

### 7 — Português de D. João III (1.º tipo)

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (1521-1525).*

*Ouro: Ø 35 mm; Peso 35 gr.*

Anv. + · IOHANES : 3 : R : PORTVGALIE : A · C · VL IN · A · D · G · // C · NC · ETHIOPIE ·  
ARABIE · PERSIE · I : (*João III, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e além mar em  
África, Senhor da Guiné // da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e  
Índia*). Escudo real coroado.

Rev. : IY : : HOC : : SIGIO : : VICEES : (Letras I cortadas ao centro). Cruz de Cristo.  
Note-se a perfeita semelhança entre os cunhos dos reversos desta moeda e da anterior,  
circunstância que nos permite atribuir a moeda número 6 aos últimos lavramentos do reinado de  
D. Manuel I (1521).

### 8 — Português de D. João III (1.º tipo)

*Casa da Moeda de Lisboa.*

*S/D (1521-1525).*

*Ouro: Ø aprox. 35 mm; Peso não referenciado.*

*Reprodução fotográfica in B. Reis, «Guia duma notável colecção de moedas portu-  
guesas», est. IV, n.º 36. (Lisboa, 1948).*

Anv. + IOHA NES : 3 : PORTVGALIE : AL : IY : A : D : G // + C · Y · ETHIOPIE ·  
ARABIE · PERSIE. Escudo real coroado.

Rev. Como no anterior. Letras I cortadas ao centro e NN retrógrados.

Malabar a Java, e também pelos grandes centros comerciais do Ocidente.

1497 ou 1499 seriam, assim, os anos prováveis do aparecimento destas moedas de fina lei e grande peso, que maravilharam o mundo oriental e surpreenderam os mercadores europeus.

### **Dos títulos de D. Manuel às lendas de Gaspar Correa**

Contudo, alguns reparos terão que ser feitos à pormenorizada narrativa de Gaspar Correa, pelo menos no que diz respeito às moedas embarcadas com Vasco da Gama.

Depois de tão generosa oferta ao Rei de Melinde, o capitão português apresenta-se em Calicute com um presente indigno da apregoada grandeza do seu soberano, e que iria provocar o desprezo e a má vontade do Samorim.

Como muito bem notou o Prof. Vitorino Magalhães Godinho, «os portugueses cometeram logo de entrada um erro crasso: no Oriente ninguém comparece perante uma alta autoridade sem se fazer preceder, ou pelo menos seguir de uma dádiva condigna: a dádiva oferecida por um embaixador que vem anunciar o desejo de amistosas relações da parte de um soberano poderoso mas longínquo e até aí desconhecido não podia ser qualquer. Ora, o Gama quis oferecer ao rei de Calicute, o primeiro entre os do Malabar, doze alambéis, quatro capuzes de grã, seis chapéus, quatro rosários de coral, bacias, uma caixa de açúcar, dois barris de azeite e dois de mel...

Os funcionários riram-lhe na cara e recusaram-se a levar esse «presente» que até o mais insignificante dos mercadores não teria a ideia de pretender oferecer. É caso de perguntarmos por que é que o Gama não apresentou os esplendorosos cruzados áureos<sup>(1)</sup> e vinténs argênteos, os pães de cobre, ou porque é que, se os não levava a bordo, em Lisboa nisso não tinham pensado: pois se sabia antecipadamente que se ia entrar em contacto com economias ricas, civilizações refinadas. Na segunda entrevista o Samorim censurou o capitão sem rodeios por se apresentar de mãos a abanar; e como este, muito embaraçado, se desculpassem que vinha de muito longe apenas para

---

(1) Ou os *portugueses*, por maioria de razão.



descobrir, e que nas viagens seguintes viriam dádivas soberbas, o rei de Calicute perguntou-lhe pertinentemente se vinha descobrir pedras ou homens? Pois se eram homens, havia de lhes trazer qualquer cousa». (1).

E trouxeram na verdade, mas só na armada de Cabral, que assim pode instalar uma feitoria em terra e levou para o reino as suas naus bem carregadas de especiarias. Mais tarde tornou-se costume, todos os anos, a oferta de sumptuosos presentes, ou de moedas de ouro, por ocasião do carregamento das naus, dando origem às tenças dos soberanos indianos.

Mas outros argumentos existem, extraídos da própria observação da moeda de *português*, que advogam a favor da data indicada por Damião de Goes, na falta de outros registos originais que permitam a sua fixação em ano posterior(2).

No anverso, a comprida legenda reza, em latim, a grandeza do soberano português, como que a dar sobejas garantias da qualidade da nova moeda, da finura do metal e do seu peso: *Manuel I, rei de Portugal e dos Algarves, daquem e além mar em África, Senhor da Guiné, da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*.

É conhecida a pormenorizada explicação dada por João de Barros sobre a legitimidade da adopção destes títulos por D. Manuel, dedicando a este assunto um capítulo inteiro da sua afamada «Ásia», de que cito breves passagens:

«Por muitas coisas que façam (os reis) de qualquer género que sejam, nenhuma lhes dá maior nome que aquela, pela qual acrescentaram à sua coroa algum feito e ilustre título.

---

(1) «Os Descobrimentos Portugueses e a Economia Mundial», Volume II. Lisboa, 1982.

(2) Não deixa de merecer reparo o facto da armada de João da Nova, que largou do Tejo em Março de 1501, não ir provida de espécies sonantes — cruzados e portugueses — como seria de esperar, o que motivou dificuldades no carregamento de especiarias no porto de Cochim.

A propósito deste episódio, podia aventar-se a hipótese de que os primeiros lavramentos dos *portugueses* de ouro só se teriam realizado mais tarde, eventualmente em fim de 1501 ou em 1502, depois do regresso de Pedro Álvares Cabral.





**9 — Português de D. João III (1.º tipo)**

*Casa da Moeda do Porto(?).*

*S/D (1521-1525).*

*Ouro; Ø 34 mm; Peso 34,81 gr.*

Anv. + IOANES : Ε : REI · PORTVGAL : ALGARVE : DO : DE : GINE // ETHIOPIE :

ARAIE : PERSIE : INDIA : . Escudo real coroado.

Rev. + □ IN □ HOC □ SIGNO □ VINCES. Cruz de Cristo.

**10 — Português de D. João III (2.º tipo)**

*Casa da Moeda de Lisboa (L-R).*

*S/D (ca. 1525-ca. 1555).*

*Ouro; Ø 38 mm; Peso 35 gr.*

Anv. + IOANES : 3 : PORTVGALIE : AL : D : G : O : N : ETI // ARAIPP : S : IE : INDIE : .  
Escudo real coroado, ladeado por L-<sup>o</sup> R-<sup>o</sup>.

Rev. : IN : D : HOC : D : SIGNO : D : VINCES : . Cruz de Cristo, com fio ornamental em redor.

**11 — Portugalóide de Hamburgo (Alemanha)**

*Casa da Moeda de Hamburgo.*

*S/D (ca. 1578).*

*Ouro; Ø 39,7 mm; Peso 35,28 gr.*

Anv. \* MONETA · NOVA · AVREA · CIVITATIS · HAMBVRGENSIS · // · NACH ·  
PORTVGALIS · SCHROT · VND · KORN (*Nova moeda de ouro da cidade de Hamburgo,  
conforme o justo peso e a liga da moeda de Portugal*). Braço da cidade (três torres  
muralhadas).

Rev. \* IN · XPO · CRVCIFIXO · PENDIT · SALVS · NR · A (*De Cristo crucificado depende a  
nossa salvação*). Cruz de Cristo ornamentada.

**12 — Portugalóide do Banco de Hamburgo, de 1689**

*Ouro; Ø 50 mm; Peso 34,85 gr.*

Anv. SUB UMBRA ALARUM TUARUM. (*À sombra das tuas asas*). JEOVÁ (em hebraico).  
Vista da cidade e do porto. No exergo, HAMBURG.

Rev. BANCHORUM IN EUROPA BONO CUM DEO ERECTORUM MEMORIA · M ·  
DCLXXXIX : (*Lembrança dos Bancos erigidos por graça de Deus na Europa. 1689*). Braços  
ovalados dos bancos das cidades de Veneza (em cima), Amsterdão (à esquerda), Hamburgo  
(à direita) e Nuremberga (em baixo).

(...) Pois vendo El-Rei D. Manuel esta universal regra do mundo e que seus antecessores sempre trabalharam para conquista dos infiéis, mais que por outro injusto título (...), acrescentou estes três, *Senhor da Navegação, Conquista e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*. O qual título não tomou sem causa, ou acaso, mas com muita acção, justiça e prudência; porque com a vinda de D. Vasco da Gama e principalmente de Pedro Álvares Cabral em efeito por eles tomou posse de tudo o que tinham descoberto e pelos Sumos Pontífices lhe era concedido e dado.»<sup>(1)</sup>.

E para esclarecimento de quem por ventura não entendesse, João de Barros alongou-se numa declaração do direito que ao rei teria assistido ao tomar aqueles títulos, explicando a diferença de se chamar Rei (dos homens de uma terra) ou de se declarar Senhor (da propriedade ou senhorio da terra), dando o exemplo de D. João II, que se intitulou Senhor e não Rei da Guiné, porque «sobre os povos da terra não tinha jurisdição, e porém teve Senhorio dela.»

Que este acréscimo de títulos à coroa portuguesa teve lugar logo após o regresso de Vasco da Gama, dá-nos conta a carta dirigida pelo rei ao cardeal — protector de Portugal em Roma, datada de Lisboa aos 28 de Agosto de 1499<sup>(2)</sup> e na qual D. Manuel claramente se identifica, já, como «Senhor da Conquista, da Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e das Índias», não deixando margem para dúvidas que mais não fazia que tomar para si e para a coroa portuguesa, o senhorio e domínio da nova descoberta, como lhe tinha sido concedido por anteriores doações pontifícias.

Sendo a moeda — e muito especialmente a moeda de ouro — um documento de afirmação internacional de soberania e de senhorio, o seu lavramento com legendagem titular ostensivamente desenvolvida e completa, relegando para plano secundário a própria figuração das armas reais — como é o caso do *português* — só se poderá entender como deliberada intenção de proclamar e divulgar os direitos dos Portugueses aos novos senhorios, formalmente adquiridos desde 1499.

---

<sup>(1)</sup> Década I, livro VI, Cap. I.

<sup>(2)</sup> T. de Aragão, «Descrição Geral e Histórica das Moedas», Tomo III.



O regresso de Vasco da Gama veio confirmar uma descoberta, permitir uma conquista e desenvolver um comércio em reinos longínquos, onde a presença dos Portugueses terá de ser imposta *não só* pela força das armas, mas também pelo poder da moeda.

Nasceu então esse grande exemplar de ouro de grandeza e peso nunca antes visto, como moeda-prestígio de uma empresa, de um povo: que melhor nome lhe poderia ter sido dado, que *moeda de portugueses*?

Parece-nos assim, evidente, que a saborosa e meticulosa narrativa de Gaspar Correa não passava de uma lenda, que teve como consequência induzir em erro inúmeros historiadores do século XIX, fazendo-os supor, como veremos mais adiante, que essas tais moedas, que o Gama teria levado, não eram dos cunhos de Portugal, mas fabricadas na Holanda por encomenda de D. Manuel.

### **Moeda-bandeira e padrão das Descobertas**

Mas voltando à observação das gravuras da moeda de *português*, merece reparo a original composição do reverso, não só pelo tipo de cruz seleccionada e pelo letreiro envolvente (que pela primeira vez apareceram na numária nacional), como pela ausência de quaisquer ornatos no campo da moeda que, de tão lisa aparência, se assemelha ao fundo de seda branca de uma bandeira, em contraste com os prestigiosos *cruzados* e *justos* de reinados anteriores.

Muito embora a representação da cruz seja uma constante na moeda portuguesa, quer como motivo principal, quer no início das legendas, não é por acaso que aparece nestas moedas a insígnia da Ordem de Cristo, do tipo adoptado cerca de 1460, com as extremidades dos braços de formato trapezoidal e aberta no centro.

Como insígnia dos cavaleiros de Cristo, herdeiros desde 1357 da Ordem do Templo, era bordada de cor vermelha nos seus hábitos brancos, deixando assim perceber uma cruz simples branca, em significação da chaga aberta no lado do corpo de Cristo.

Administrada desde 1417 pelo Infante D. Henrique, a Ordem de Cristo aparece desde então como suporte de todas as explorações





### 13 — Portugalóide de Magdeburgo (Alemanha)

*Casa da Moeda de Magdeburgo.*

*S/D (finais séc. XVI).*

*Ouro; Ø 40.9 mm; Peso 34.24 gr.*

Anv. (símbolos) MONETA · NOVA · AVREA · CIVITA · MAGDEBV // NACH-PORTV-SCHROT. *(Nova moeda de ouro da cidade de Magdeburgo, conforme o justo peso da moeda de Portugal).* Braço da cidade. (Porta muralhada com dois torreões e figura feminina).

Rev. \* CRVX · XPI · SALVS · NOSTRA · & · REDEMPTIO · E · *(De Cristo crucificado depende a nossa salvação e redenção).* Cruz de Cristo muito ornamentada.

### 14 — Portugalóide de Lubeque (Alemanha)

*Johann Adolf, bispo de Lubeque (1586-1607).*

*Ouro; Ø 41.6 mm; Peso 34.88 gr.*

Anv. IOH · ADOL · — V · G : G : ERW, ladeando as armas episcopais, com elmo e timbre.

Rev. · BIS · Z · LVB · ER · ND · HERZ · Z · SC · HOL · ST · V · DI · G · Z · Ov D // + NACH PORTVGALISCHEN · SCHROT · VN · KORN. Ao centro a cruz de Cristo.

### 15 — Meio Portugalóide de Schleswig-Holstein (Alemanha), de 1611

*Johann Adolf, duque de Schleswig-Holstein (1590-1616).*

*Ouro; Ø 41 mm; Peso 17.24 gr.*

Anv. : IOHAN : AD — OLPH : D : G, ladeando as armas ducais, com elmo coroadado e timbre. Na orla inferior a era 16-11.

Rev. · HAERES : NOR : DUX : SCHLEIS : ET : HOL : S : E : DI // NACH PORTUGALI : SCHROT : UND : KORN. Ao centro a cruz de Cristo.

### 16 — Portugalóide da Dinamarca, de 1591

*Casa da Moeda de Haderslev*

*Reinado de Cristiano IV (1588-1648), pretendente ao ducado de Schleswig-Holstein.*

*Ouro; Ø 40.3 mm; Peso 35.04 gr.*

Anv. CHRISTIA · IIII · D · G · DANI · NOR · GOT · WAN · REX · ELEC. Ao centro a cruz de Cristo, contornada por NACH — PORT — VGAL — SCHRO.

Rev. DVX · SLES · HOL · STO · E · DIT · CO : OL · E · DE, circundando as armas esquarteladas e coroadas.

Lateralmente os algarismos da era, 9-1.

marítimas portuguesas. Em reconhecimento desse facto, recebeu de D. Afonso V, em 1455, o governo espiritual «de todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir», doação mais tarde confirmada por bulas papais.

Após a morte do Infante, o mestrado da Ordem continuou ligado à Casa Real, até ser entregue em 1483 a D. Manuel, duque de Beja.

A Cruz da Ordem de Cristo aparece assim, em moeda de ouro (e também em moeda de prata) precisamente quando o seu grão-mestre é rei de Portugal: a insígnia da Ordem passa a ser insígnia real e nessa qualidade ornamenta as novas moedas que irão colaborar na conquista do comércio das Índias, de cuja empresa tinha sido incumbida a própria Ordem.

E, tal como nas vésperas da batalha que opôs Constantino Magno a Maxencio, também nestas moedas se invoca o sinal da cruz, como que vaticinando a sorte da empresa dos Portugueses no Oriente: *Com Este Sinal Vencerás*.

Cruz de Cristo nas velas, nas bandeiras e flâmulas; cruz de Cristo nas armas e nas moedas: todo um sentido de sujeição das descobertas àquela ordem militar; todo um repetir dos mesmos símbolos, como que a sugerir uma cuidada e bem planeada operação de «propaganda» e de promoção...

E o símbolo ficou e desde então passou a ser entendido como sinal de grandeza e de poder.

### **Do prestígio da moeda**

Talvez precisamente por isso representou a Cruz de Cristo a figuração monetária por excelência de outras grandes moedas de ouro, imitação dos *portugueses*, cunhadas mais tarde por várias cidades e príncipes do norte da Europa, da Alemanha, Dinamarca, Holanda e Polónia, denominadas «portugalösers» e «portugalesere», ou «portugalóides».

Destes, os mais célebres são os *portugalösers* de Hamburgo, que datam dos anos 60 e 70 do século XVI, e cuja emissão dá bem conta do prestígio que a moeda de *portugueses* gozou na Europa mercantil de quinhentos.



Cópias fiéis (no anverso) dos *portugueses* de D. Manuel I, ostentam ao centro o brasão da cidade, circundado pela legenda «*MONETA NOVA AUREA CIVITATIS HAMBURGENSIS / / NACH PORTUGALIS SHROT UND KORN*», disposta de igual modo em duas coroas de círculo concêntricas; e, no reverso, figura a característica cruz da Ordem de Cristo, em campo ornamentado (como nos portugueses de D. João III), com a legenda «*IN XPO CRVCIFIXO PENDIT SALVS NRA*». (*In Christo Crucifixo Pendit Salvatione Nostra*).

Reveste-se de especial significado a legenda interior do anverso, em alemão, que informa que a nova moeda de ouro da cidade de Hamburgo, foi cunhada «*conforme o justo peso e liga da moeda de Portugal*»...

Apesar de terem curso legal pelo valor de 10 ducados, os «*portugalösers*» de Hamburgo e, mais tarde, os de Magdeburgo e de outras cidades alemãs, como Luneburgo, Bremen, Leipzig e Lubeque, bem como semelhantes moedas cunhadas na Dinamarca pelo rei Cristiano IV em 1591 e 1592, e no Schleswig-Holstein pelo duque João Adolfo, em 1611, não tiveram grande uso na circulação, sendo mais utilizados como presentes e dando assim início à tradição de se designar por aquele nome grandes moedas e medalhas de ouro, peças de prestígio oferecidas em ocasiões solenes por bancos, associações de comércio, entidades militares e pelo próprio Senado da cidade, tradição que se prolongou até aos nossos dias.

Diferente motivação levou à cunhagem de peças semelhantes por cidades holandesas como Zwolle e Daventer, destinando-se a correrem como moeda efectiva e com ela efectuarem-se pagamentos nas Índias Orientais, onde a lembrança dos *portugueses* estava bem enraizada.

No caso do *portugaleser* de Zwolle, mandado cunhar pela municipalidade daquela cidade em 1641, é interessante verificar a quase perfeita imitação do *português* de D. Manuel I, modelo então adoptado em vez da moeda do reinado de D. João III, de tipologia bem diferente e que foi lavrada, oficialmente, até 1538 e desde então só esporadicamente, até 1555.



#### 17 — Meio Portugalóide da Dinamarca, de 1592

*Reinado de Cristiano IV (1588-1648), pretendente ao ducado de Schleswig-Holstein.*

*Casa da Moeda de Haderslev.*

*Ouro; Ø 41.3 mm; Peso 16.82 gr.*

Anv. Como no anterior. Cruz de Cristo ao centro cantonada por NACH — PORT — VGAL — SCHRO.

Rev. Como no anterior. Algarismos da era 9-2.

#### 18 — Portugalóide de Zwolle (Holanda)

*Casa da Moeda de Zwolle.*

*S/D. (ca. 1641).*

*Ouro; Ø 38 mm; Peso 35.08 gr.*

Anv. \* AD : VALOREM : EMANVEL : REG : PORTVGAL : // · MONETA · AVREA · CIVITAT : SWOL. (Moeda de ouro da cidade de Zwolle, do valor da moeda do rei Manuel de Portugal). Imitação do escudo português coroado, tendo ao centro a figura do arcanjo S. Miguel subjugando um dragão. Lateralmente, dois pontos e um anelete.

Rev. \* IN : CHRISTO : CRVCIFIXO : NOSTRA : SAL : . Ao centro a cruz de Cristo, com três pontos sobre a haste superior e um ponto ao centro, como figura nos portugueses de D. Manuel I.

#### 19 — Portugalóide de Daventer (Holanda)

*Casa da Moeda de Daventer*

*S/D (1.ª metade do séc. XVII).*

*Ouro; Ø 39 mm; Peso 35 gr.*

Anv. (flor de lis) · ME · VIGILANTE · FLORET · DAVENTRIA · // · VALORIS · PORTVGALICI (Daventer mantém-me atento ao valor de Portugal). Escudo coroado.

Rev. · IN · CHRISTO · CRVCIFIXO · SALVS · NOSTRA. Cruz de Cristo.



No anverso, ao centro, figura uma imitação do escudo português, coroadado, mas tendo no lugar das quinas a figura do Arcanjo S. Miguel, patrono da cidade, circundado pela dupla legenda de expressivos dizeres: «AD VALOREM EMANVEL REG PORTUGAL / / MONETA AUREA CIVITAT SWOL» (*Moeda áurea da cidade de Zwolle, do valor da moeda do rei Manuel de Portugal*).

No reverso mantém-se a Cruz de Cristo, orlada pela legenda «IN CHRISTO CRUCIFIXO NOSTRA SAL», cópia da legenda de Hamburgo.

Tal era a força da tradição e o prestígio da moeda de ouro portuguesa, nos mercados do Oriente, que os arrivistas conquistadores Holandeses tiveram de fabricar moeda em tudo idêntica à grande moeda de D. Manuel I, cento e quarenta anos depois da sua criação!

### **Desmistificar a tradição e corrigir o erro centenário**

E tal era a semelhança, que um desses exemplares chegou mesmo a circular em Portugal como genuína moeda de *português*, e aqui recebeu uma contramarca «IOU» aposta no reinado de D. João IV, em 1646, para lhe aumentar o valor para 10 000 reais.

Esse exemplar veio depois a pertencer à colecção de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814), bispo de Beja (1770) e arcebispo de Évora (1802), tendo sido roubado da Biblioteca de Évora quando do saque das tropas napoleónicas em 1808.

Dele ficou, porém, uma reprodução em chumbo, oferecida em 1797 pelo erudito prelado à Biblioteca Nacional de Lisboa, juntamente com um importante monetário, cujos restos por lá ainda se conservam.

Mas o original de ouro foi visto, examinado e mais tarde descrito por João Pedro Ribeiro, nas suas «Reflexões Históricas» (1835), que o identificou como moeda de ouro de D. Manuel, de peso e toque dos *portugueses*.

E, por tal facto, foi considerado pelo conhecido mestre da Numismática Portuguesa, Teixeira de Aragão<sup>(1)</sup>, e desde 1874 por

---

(<sup>1</sup>) *Ob. cit.*, Tomo I.



inúmeros outros autores e historiadores portugueses, como sendo o modelo original dos primitivos *portugueses de ouro* que, segundo a lenda de Gaspar Correa, teriam acompanhado Vasco da Gama à descoberta da Índia.

Só muito recentemente, coube a outro numismata ilustre, o Eng.<sup>o</sup> Ferraro Vaz<sup>(2)</sup>, desmistificar a «tradição» e corrigir o erro crónico, que os exemplares agora pela primeira vez expostos ao público permitem confirmar, repondo-se assim no seu lugar uma das muitas imitações estrangeiras, daquela que foi a mais prestigiosa moeda dos Descobrimentos, bandeira, arma e padrão que ainda hoje guarda a memória dos Portugueses.

Para terminar, que me seja permitido a ousadia de corrigir o nosso inspirado poeta, mas sempre pouco endinheirado, Luís de Camões.

Não são somente «*As armas e os barões assinalados*», que merecem, da História, especial referência.

As armas, as moedas e os varões assinalados, todos eles saíram desta ocidental praia lusitana e foram, por mares nunca dantes navegados, à descoberta de novos mundos e à conquista de novos mercados para o Mundo.

---

(2) «Portugueses de D. Manuel I», in NVMMVS n.º 33. Porto, 1974.

Ao contrário da hipótese formulada por este Autor, não cremos que a forma da terminação da legenda interior do anverso permita atribuir os exemplares sem INDIA às supostas primeiras cunhagens de 1497 e, muito menos, certificar a lenda de Gaspar Correa.

Nas 10 moedas de *portugueses* de D. Manuel I recolhidas na XVII Exposição, encontram-se terminações em : INDIE:, :IDE:, :IN: e :I:, sendo esta última a mais vulgar (*moeda ilustrada*, número 6) e precisamente aquela que podemos datar, com segurança, do final do reinado.

É assim de admitir, que as moedas com legendagem titular completa (com INDIA), não abreviada, devem corresponder às primeiras amoedações verificadas (1499-1502), o que é confirmado pela análise tipológica comparativa com outras moedas da mesma época.





## 20 — Português de D. Manuel I com contramarca -IOU-

*Contramarca -IOU- coroada (10 000 reis) de 1646 (D. João IV).  
Chumbo; Ø 36-37 mm.*

*Reprodução do original existente no Gabinete de Numismática  
da Câmara Municipal do Porto.*

Anv. Como no número 6.

Rev. Como no número 5. Contramarca -IOU- coroada aposta no 3.º quadrante da cruz de Cristo.

## 21 — Portugalóide de Zwolle com contramarca -IOU-

*Contramarca -IOU- coroada (10 000 reais) de 1646 (D. João IV).  
Chumbo; Ø 44-45 mm.*

*Reprodução do original que existiu na Biblioteca de Évora.*

Anv. Como no número 18.

Rev. Como no número 18. Contramarca -IOU- coroada aposta no 4.º quadrante da cruz de Cristo.

Esta peça apresenta sinais de ter sofrido um estiramento, o que teria provocado um aumento do diâmetro original (38 mm) e a deformação das gravuras, escudo e cruz de Cristo.

É a primeira vez que é reproduzida fotograficamente.

## 22 — Medalha reproduzindo um Português de D. Manuel I

*Reinado de D. João V.  
Casa da Moeda de Lisboa (1718).  
Ouro; Ø 40 mm.*

*«Era costume antigo nas festas da semana santa colocar em cruz no cimo que ardia na capela real, cinco portugueses em ouro; tornando-se muito raras estas moedas foi mandado, por aviso do ministério da fazenda de 9 de Setembro de 1718, assinado por Diogo de Mendonça Corte Real, fabricar na casa da moeda cinco das referidas moedas, e é provável que então se abrisse este cunho». (Teixeira de Aragão, «Descrição geral e histórica das moedas», vol. 1, pg. 67, Lisboa, 1874).*

Os cunhos então gravados e que ainda hoje se conservam no Museu Numismático Português, foram utilizados na cunhagem destas medalhas, pelo menos até 1837.

## 23 — 1000\$00 — Moeda Comemorativa da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura

*Casa da Moeda de Lisboa (1983).  
Prata (835‰); Ø 34 mm; Peso 21 gr.*

Anv. REPÚBLICA PORTUGUESA — DESCOBRIMENTOS RENASCIMENTO. Ao centro a esfera armilar (*representando o mundo abraçado pelos navegadores portugueses*), tendo sobreposta na parte superior a cruz da Ordem de Cristo e, na parte inferior, o astrolábio náutico (*símbolo da Exposição*). Lateralmente, a era 19-83; por baixo, o valor facial 1000\$00.

Rev. Reprodução fiel do anverso do português de D. Manuel I, descrito no número 6, «A mais prestigiosa moeda dos Descobrimentos, bandeira, arma e padrão que ainda hoje guarda a memória dos Portugueses».





Impresso na N. L. Gráfica, com projecto gráfico de Maria de Lurdes Guedes. Selecções de cores de Miguel Gráfica, Lda., sobre diapositivos de Carlos Gentil, António Homem Cardoso, Alberto Gomes e do autor. Tiragem de 2000 ex. em papel couché de 120 gramas e de 25 ex. fora do mercado em papel Damier telado de 150 gramas, numerados e rubricados pelo autor. Textos e fotos Copyright 1984, António Miguel Trigueiros.

